

CAPÍTULO 2

NO LABIRINTO DO ABUSO: POR QUE AS MULHERES PERMANECEM? UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Data de submissão: 06/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Geovana Barbosa Brito

Acadêmica do último semestre de Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Isabella Cabral Siqueira

Acadêmica do último semestre de Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Jacir Alfonso Zanatta

Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) 2017. Mestre Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) 2012 e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) 2002. Possui graduação em Psicologia - Formação de psicólogo pela Universidade Católica Dom Bosco (2009), graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1996), graduação em Filosofia - Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT 1991). Professor do curso de Psicologia. Coordenador dos grupos de pesquisas “Pelos Olhos da Literatura” e “As Doenças da Alma”, onde esta pesquisa se enquadra

RESUMO: Este trabalho aborda a violência e o abuso em relacionamentos, especialmente no contexto feminino, sob a perspectiva da psicanálise. A violência em relacionamentos é um problema social e de saúde pública, causando danos físicos, emocionais e psicológicos às vítimas, perpetuando um ciclo de sofrimento. A psicanálise oferece uma abordagem para compreender as dinâmicas inconscientes que sustentam comportamentos abusivos, explorando como traumas, experiências infantis e padrões de apego disfuncionais influenciam a permanência em relações abusivas. O estudo utiliza conceitos psicanalíticos como a compulsão à repetição e a identificação projetiva, de Freud e Melanie Klein, para elucidar as razões que levam tanto o abusador quanto a vítima a perpetuar essa dinâmica destrutiva. Além disso, aborda a importância do apego, segundo Bowlby, para entender como vínculos inseguros moldam comportamentos e escolhas afetivas na vida adulta. A psicanálise, ao propor intervenções sensíveis às complexidades psíquicas envolvidas, contribui para a reconstrução da autoestima e autonomia das vítimas, fornecendo subsídios para um apoio mais humanizado.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Violência.

ABSTRACT: This study addresses violence and abuse in relationships, particularly within the female context, from a psychoanalytic perspective. Violence in relationships is a social and public health issue, causing physical, emotional, and psychological harm to victims and perpetuating a cycle of suffering. Psychoanalysis offers an approach to understanding the unconscious dynamics that sustain abusive behaviors, exploring how trauma, childhood experiences, and dysfunctional attachment patterns influence the persistence in abusive relationships. The study uses psychoanalytic concepts such as Freud's compulsion to repeat and Melanie Klein's projective identification to shed light on the reasons that drive both the abuser and the victim to perpetuate this destructive dynamic. Additionally, it discusses the importance of attachment, based on Bowlby, to understand how insecure bonds shape behaviors and affective choices in adulthood. Psychoanalysis, by proposing interventions sensitive to the involved psychic complexities, contributes to rebuilding victims' self-esteem and autonomy, providing resources for more humanized support.

PALAVRAS-CHAVE: Psychoanalysis. Violence. Abuse relationship.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A violência e o abuso em relacionamentos representam um grave problema social e de saúde pública, afetando milhões de pessoas em todo o mundo, especialmente as mulheres. Esse fenômeno provoca não apenas consequências físicas e emocionais devastadoras, mas também perpetua um ciclo de sofrimento que impacta profundamente a vida das vítimas e de suas famílias.

Sob a lente da psicanálise, os relacionamentos abusivos revelam-se como um complexo labirinto de desejos reprimidos, medos profundos e vínculos emocionais distorcidos. As dinâmicas inconscientes que sustentam comportamentos abusivos e a permanência das pessoas em tais relacionamentos são frequentemente enraizadas em experiências passadas, traumas infantis e padrões de apego disfuncionais. A psicanálise oferece uma chave valiosa para compreender esses mecanismos ocultos, proporcionando um entendimento mais profundo das forças psíquicas em jogo.

Este estudo busca explorar as entranhas psíquicas dos relacionamentos abusivos, iluminando os aspectos mais sombrios e complexos desse fenômeno. O que leva uma pessoa a permanecer em um relacionamento onde o abuso é uma constante? Como o inconsciente influencia suas decisões e reações? Quais são os efeitos psicológicos duradouros de viver em um contexto de abuso contínuo? Ao abordar essas questões, espera-se contribuir para a ampliação do conhecimento acadêmico e clínico sobre os relacionamentos abusivos, fornecendo subsídios para a elaboração de intervenções mais eficazes e sensíveis às complexidades psicológicas envolvidas.

Através de uma análise psicanalítica, busca-se desvelar as camadas mais profundas do sofrimento das vítimas, promovendo uma compreensão mais abrangente e humanizada

do problema e, consequentemente, possibilitando um apoio mais efetivo a quem enfrenta essa realidade. Este trabalho pretende não apenas esclarecer os fatores que mantêm as pessoas em relações abusivas, mas também destacar a importância de um olhar atento e empático no tratamento e na assistência psicológica às vítimas de abuso. Ao mergulhar nas profundezas da psique humana, buscamos não apenas respostas, mas também a esperança de um futuro onde relacionamentos abusivos sejam compreendidos e prevenidos de maneira mais eficaz.

Os relacionamentos abusivos são um grave problema de saúde pública, devido aos seus altos índices e aos profundos impactos na saúde emocional e mental das vítimas. Muitas pessoas permanecem em relacionamentos abusivos por muitos anos, sofrendo intensamente. Dados globais ilustram a gravidade do abuso emocional e físico em relacionamentos. Uma pesquisa da Organização Mundial da Saúde (OMS) revelou que mais de 35% das mulheres em todo o mundo já sofreram algum tipo de agressão por parte de um parceiro íntimo. Em contextos específicos, como em algumas regiões da Ásia e América Latina, esses números podem ser ainda mais alarmantes, ultrapassando 50% em certos casos.

Experiências de abuso tornam as pessoas vulneráveis a uma série de problemas de saúde. Fisicamente, elas podem sofrer desde lesões e hematomas até desenvolver doenças psicosomáticas, como dores crônicas e condições de saúde agravadas. Psiquicamente, os impactos incluem transtornos como ansiedade, depressão, e síndrome do pânico. Um estudo australiano com 8.850 mulheres de 25 a 30 anos, atendidas em serviços de saúde, indicou que a exposição a relacionamentos abusivos aumenta significativamente o risco de problemas de saúde mental. Mesmo diante desses efeitos devastadores, muitas vítimas permanecem nos relacionamentos abusivos por longos períodos. Estudos indicam que leva de sete a dez anos para que algumas mulheres decidam deixar um relacionamento abusivo (Gomes, Carneiro, Almeida, Costa, Campos, Virgens e Webler, 2022).

Em diferentes contextos, muitas vítimas buscam ajuda não para terminar o relacionamento, mas na esperança de reduzir as situações de abuso. Isso frequentemente resulta em reconciliações que expõem as vítimas novamente ao risco de abuso. A definição de abuso em relacionamentos, conforme estabelecida por organizações internacionais, inclui qualquer ação ou comportamento baseado no gênero ou poder que cause dano ou sofrimento físico, sexual, psicológico ou emocional. As formas de abuso incluem abuso físico, caracterizado por danos corporais; abuso psicológico, envolvendo humilhação e desvalorização; abuso moral, que compreende ofensas aos valores e à dignidade; abuso sexual, que inclui coerção e violência sexual; e abuso financeiro, caracterizado pelo controle ou destruição de bens e recursos econômicos.

Para complementar este estudo, utilizou-se o livro “Os Perfis de Maria: Relatos de mulheres que passaram por um relacionamento abusivo”¹, de Maria Mariana Ostemberg

¹ Publicado pela própria autora em 2018, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo na Universidade

Benites da Silva, que oferece uma perspectiva profunda sobre as experiências e vivências das vítimas em relações abusivas. Esses relatos detalham os efeitos do abuso e as complexidades envolvidas na decisão de permanecer ou deixar o relacionamento. A visão das vítimas, enriquece a compreensão dos desafios enfrentados, ilustrando os impactos físicos e emocionais do abuso, além das barreiras sociais, psicológicas e econômicas que dificultam a ruptura com o ciclo de violência.

2 | COMPREENDENDO O ABUSO E SUA DINÂMICA PSICOLÓGICA

O abuso nas relações, especialmente o abuso emocional, é um fenômeno complexo que afeta profundamente a subjetividade e a psique das mulheres. Embora frequentemente associado à violência física, o abuso emocional, psicológico e verbal tem um impacto igualmente devastador, apesar de ser menos visível. Ele se apresenta de maneira gradual, sutil, envolvendo manipulações que enfraquecem a autoestima e o senso de realidade da mulher, levando-a, paradoxalmente, a permanecer no relacionamento abusivo.

O relacionamento abusivo envolve uma série de comportamentos controladores e manipuladores, projetados para dominar a vítima. Na psicanálise, essas dinâmicas podem ser interpretadas através dos conceitos de repetição compulsiva e identificação projetiva. Esses conceitos proporcionam uma forma de entender por que padrões destrutivos de comportamento continuam ao longo do tempo, perpetuando o ciclo de abuso.

2.1 O ciclo abusivo: a utilidade e gradualidade do abuso

A compreensão do caráter progressivo e insidioso do abuso é essencial para entender por que tantas mulheres permanecem em relacionamentos abusivos. O abuso raramente começa com atos de violência explícitos, mas sim com comportamentos sutis, que minam gradualmente a autoconfiança e a autonomia da vítima. No início de uma relação abusiva, o agressor pode se apresentar como excessivamente carinhoso e protetor, e suas demonstrações de afeto, inicialmente interpretadas como normais, gradualmente se tornam manipuladoras. Pequenas críticas e expressões de ciúmes, muitas vezes mascaradas de “preocupação” ou “amor”, são os primeiros sinais dessa dinâmica controladora.

No livro “Os Perfis de Maria”, a história de Maria Cláudia² ilustra claramente esse processo de abuso sutil e gradual. Maria Cláudia, logo após se casar, começou a perceber que o comportamento do marido, que aparecera ser apenas um problema com o álcool, na verdade escondia algo muito mais profundo. No dia de seu casamento, o marido já demonstrava atitudes agressivas. “Tem até gravado no vídeo de casamento, eu tentando arrumar a gravata dele e ele empurrando minha mão” relata Maria Cláudia. Um evento que,

Católica Dom Bosco, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. A publicação foi realizada de forma independente, sem uma editora formal.

2 Maria Mariana Ostemberg Benites da Silva, Os Perfis de Maria: Relatos de mulheres que passaram por um relacionamento abusivo, p. 18. O nome “Maria Cláudia” é fictício, utilizado para preservar a identidade da pessoa entrevistada.

no contexto da cerimônia, pode ter parecido pequeno, mas que foi o início de uma longa trajetória de violência.

Essa progressão é também acompanhada por momentos de carinho e arrependimento do agressor, como descrito no livro. A violência física e verbal é entremeada por gestos de afeto, criando na vítima uma sensação de esperança e confusão, o que dificulta ainda mais a percepção clara do abuso. O controle emocional e psicológico do marido é uma forma de aprisionar Maria Cláudia, que passa a duvidar de sua capacidade de viver sem ele, Maria Cláudia lembra:

“Depois desse dia, foi constantemente. Toda semana tinha uma briga, quase todo dia. Sempre arrumava empecilho para não me deixar sair, para não ir para casa da minha mãe” (Silva, 2018, p.19).

Esse ciclo de manipulação psicológica, conhecido como *gaslighting*, faz com que a vítima questione sua própria percepção da realidade. Maria Cláudia, por exemplo, relata que sua autoestima foi destruída ao longo dos anos, e que, mesmo em momentos em que tentava deixar o marido, era impedida:

“Nesse dia foi a primeira vez que ele me bateu. Eu arrumei minha mala e ia embora, ele trancou a porta e não deixou eu sair. Fiquei” (Silva, 2018, p.19).

Essa dinâmica de alternância entre abuso e reconciliação reflete-se ao longo de todo o relacionamento de Maria Cláudia. Ela foi constantemente manipulada pelo marido, que utilizava a violência para controlar suas ações e suas emoções. A narrativa de Maria Cláudia reforça a ideia de que o abuso emocional é frequentemente mais devastador e difícil de superar do que o abuso físico. Ela reflete:

“A psicológica é a mais difícil, pois é uma ferida difícil de tratar. A agressão física dói, machuca, fica roxo, mas o trauma psicológico é muito pior” (Silva, 2018, p.26).

A história de Maria Cláudia, portanto, ilustra a sutilidade e a gradualidade do abuso. O que começa com pequenos gestos de controle se transforma em um ciclo devastador de violência e manipulação, que prende a vítima em um relacionamento abusivo por anos. A superação de Maria Cláudia, depois de dezoito anos de sofrimento, demonstra a importância do apoio emocional e psicológico para que as vítimas possam reconstruir suas vidas.

2.2 A Fundamentação Psicanalítica: Mecanismos Psíquicos que Sustentam o Abuso

Sigmund Freud (1920), em suas investigações sobre o inconsciente, identificou a compulsão à repetição como um mecanismo de defesa pelo qual os indivíduos tendem a reviver experiências traumáticas, mesmo que de forma inconsciente, na tentativa de alcançar um desfecho diferente. Em seu trabalho “Além do Princípio do Prazer” (1920/1996), Freud

observou que, em vez de se afastar do sofrimento, muitas pessoas se veem repetidamente atraídas por situações que ecoam dores passadas. Essa tendência, ao contrário de servir a uma busca consciente por prazer, parece ser movida por uma necessidade inconsciente de dominar ou dar sentido a experiências traumáticas. A repetição compulsiva, portanto, não é um ato consciente de masoquismo, mas uma tentativa inconsciente de reorganizar e resolver conflitos internos.

Nos relacionamentos abusivos, essa compulsão à repetição pode se manifestar quando a vítima, marcada por experiências traumáticas anteriores, especialmente aquelas vividas na infância, se vê presa em ciclos de abuso. Muitas vezes, esses padrões foram internalizados durante os estágios iniciais de desenvolvimento, onde o amor e o cuidado podem ter sido associados à dor e à submissão. Assim, a repetição do abuso não apenas perpetua o sofrimento, mas também cria uma ilusão de familiaridade e segurança, uma vez que o conhecido, mesmo que doloroso, é menos assustador do que o desconhecido.

Além do conceito anterior, Melanie Klein apresentou, em seu trabalho *“Some Theoretical Conclusions Regarding the Emotional Life of the Infant”* (“Algumas Conclusões Teóricas Sobre A Vida Emocional do Bebê”) (Klein, 1946-1963/1991), o conceito de Identificação Projetiva, que se valida como uma ferramenta para entender as dinâmicas presentes nos relacionamentos abusivos. Esse conceito envolve a projeção de partes do *self* (sentimentos, impulsos ou características indesejadas) em outra pessoa. Inicialmente, é um mecanismo defensivo primitivo, onde o indivíduo tenta “livrar-se” de aspectos internos intoleráveis, transferindo-os para um objeto externo. Porém, essa projeção não é meramente uma expulsão de conteúdos internos; envolve também uma identificação com o objeto que recebe essas partes, criando uma espécie de vínculo entre o projetor e o receptor.

No bebê, por exemplo, isso pode ser visto no relacionamento inicial com a mãe. O bebê pode projetar seus sentimentos de raiva ou destruição na mãe (representada simbolicamente pelo “seio bom” ou “seio mau”) e, ao fazer isso, acredita que a mãe agora contém esses sentimentos destrutivos. Isso gera ansiedade, pois o bebê teme que a mãe (agora vista como perigosa) possa retaliar ou se voltar contra ele.

No desenvolvimento adulto, a identificação projetiva pode se manifestar em relacionamentos interpessoais complexos, onde uma pessoa não só projeta seus sentimentos em outra, mas também induz essa pessoa a experienciar ou a se comportar de acordo com essas projeções. Ou seja, o receptor pode começar a agir de maneira congruente com o que foi projetado nele, completando tal ciclo.

Esse fenômeno pode ser tanto saudável quanto patológico, dependendo da intensidade e do contexto. Em algumas formas de interação, a identificação projetiva pode funcionar como um meio de comunicação inconsciente entre duas pessoas. No entanto, quando usada de forma defensiva e excessiva, pode distorcer gravemente os relacionamentos.

Esse mecanismo psíquico envolve a projeção de partes inaceitáveis de si mesmo em outra pessoa, que passa a ser controlada e manipulada pelo sujeito da projeção.

No contexto de um relacionamento abusivo, o abusador frequentemente projeta suas próprias inseguranças, sentimentos de inadequação ou traumas não resolvidos na vítima. Essa projeção serve como uma tentativa de aliviar o desconforto interno do abusador, transferindo esses aspectos negativos para a vítima, que se torna um receptáculo das emoções e conflitos do abusador. Assim, ao subjugar e controlar a vítima, o abusador externaliza suas angústias, evitando confrontar diretamente essas partes de si mesmo.

Enquanto Klein (1946-1963/1991) analisava a identificação projetiva como um mecanismo inconsciente capaz de distorcer relações abusivas, essa dinâmica permite que o abusador transforme a vítima em um “depósito” para suas emoções negativas. A identificação projetiva leva a vítima a não apenas receber essas projeções, mas também a internalizá-las, fazendo com que ela passe a ver a si mesma através das lentes distorcidas do abusador, adotando crenças negativas sobre seu próprio valor e capacidade. Essa internalização distorcida reforça o ciclo de abuso, corroendo a autoestima da vítima e minando sua percepção de valor pessoal.

A repetição compulsiva, outro conceito central na psicanálise kleiniana (1946-1963/1991), atua como um reforçador desse ciclo, na medida em que a vítima, uma vez presa na dinâmica projetiva, é levada a reproduzir os padrões de submissão e auto-sacrifício. Os sentimentos de medo, culpa e vergonha se tornam barreiras significativas à saída do relacionamento, criando uma espécie de labirinto psíquico do qual a vítima não consegue escapar. Esses sentimentos são exacerbados pela compulsão à repetição, que mantém a vítima presa em um padrão destrutivo de relacionamentos, e pela identificação projetiva, que distorce a percepção de realidade e de si mesma.

A interdependência emocional, frequentemente presente nesses relacionamentos, pode ser analisada sob a ótica da teoria do apego. Bowlby (1988) Propõe que experiências de apego inseguro na infância predispõe indivíduos a relacionamentos disfuncionais na vida adulta, onde a necessidade de validação e o medo do abandono se tornam predominantes. Na psicanálise, esse apego inseguro é visto como uma busca incessante de um “objeto bom” que nunca se concretiza plenamente e pode levar à repetição de padrões destrutivos, como no caso de relacionamentos abusivos, em uma tentativa inconsciente de obter satisfação e reparação (Klein, 1921-1945/2023). A vítima, assim, permanece presa em um ciclo de esperança e desilusão que perpetua a dinâmica abusiva.

3 I A PSICODINÂMICA DO HOMEM ABUSADOR

A dinâmica do abusador, dentro de um relacionamento violento, é frequentemente marcada por uma necessidade de exercer controle sobre a parceira. Esse controle não se manifesta apenas de forma física, mas também emocional, sexual e psicológica. O homem abusador geralmente adota uma postura de superioridade e desvalorização da mulher, buscando subjugá-la como meio de reafirmar seu poder. Nesse contexto, as ações

abusivas transcendem os aspectos físicos, estendendo-se a diferentes esferas da vida da vítima, como a sexual e econômica, resultando em profundos danos psíquicos.

Freud (1912/1996) argumenta que muitos homens, em relações abusivas, buscam como parceiras mulheres que possam desvalorizar, colocando-as em uma posição inferior. Ao ver a mulher como moralmente ou socialmente inferior, o homem se isenta de atribuir a ela padrões éticos ou estéticos elevados, o que facilita a perpetuação da dinâmica de controle e desvalorização. Essa dinâmica de rebaixamento da parceira permite que o abusador atenda a suas necessidades sexuais e emocionais sem sentir-se moralmente restrito.

Para Freud (1912/1996), essa necessidade de inferiorizar a mulher reflete a dificuldade masculina em integrar adequadamente afeto e sexualidade. O homem abusador precisa colocar a parceira em uma posição de inferioridade para exercer seus desejos sexuais de forma livre, sem se sentir limitado por normas sociais ou éticas. Após a conquista, o abusador tende a desvalorizar a mulher, como Freud observa:

“É naturalmente, tão desvantajoso para uma mulher se um homem a procura sem sua potência plena como o é se a supervalorização inicial dela, quando enamorado, dá lugar a uma subvalorização depois de possuí-la” (Freud, 1912/1996, p.191).

Essa subvalorização contínua visa manter o controle sobre a vítima, estabelecendo um ciclo de violência e manipulação emocional. Embora a mulher possa perceber essa desvalorização, muitas vezes permanece na relação devido à necessidade de manter o vínculo afetivo, mesmo quando este se torna prejudicial. Freud (1912/1996) observa que, enquanto as mulheres tendem a respeitar as normas sexuais e emocionais nas relações, o abusador frequentemente desrespeita essas regras quando consegue depreciar a parceira:

“Os homens geralmente desrespeitam essa proibição se podem satisfazer a condição de depreciar o objeto e, em consequência, mantêm essa condição em seu amor mais tarde, na vida” (Freud, 1912/1996, p.192).

A postura do homem abusador vai além de uma simples manifestação de poder. Envolve uma desestruturação psíquica da vítima, que é controlada e manipulada para manter o ciclo de submissão. O abusador projeta sua própria incapacidade de lidar com suas inseguranças e sentimentos de inadequação na vítima, criando uma dinâmica destrutiva e de controle contínuo.

A psicodinâmica do homem abusador envolve táticas sutis e insidiosas para exercer controle sobre sua parceira. Diferente do que se imagina sobre abuso, nem sempre ele se manifesta de forma clara e explícita. Muitas vezes, o abuso é disfarçado sob comportamentos que, à primeira vista, parecem inofensivos ou até afetuosos, mas que gradualmente corroem a autonomia e autoestima da vítima (Neal, 2018).

O abuso nem sempre se apresenta em formas agressivas e evidentes. Muitos abusadores sabem manipular as circunstâncias para que suas ações pareçam normais ou

até justificáveis. Eles podem ser carismáticos, calorosos e envolventes quando necessário, mas a intenção real por trás dessas atitudes é mascarar um desejo profundo de controle e dominação. Como Neal destaca, “apesar de disfarçarem sua agressão com uma máscara de simpatia, não subestime suas intenções agressivas. O objetivo deles é dominar e controlar” (Neal, 2018, p.30).

Os abusadores são especialistas em manipular suas vítimas de maneiras sutis. Em vez de recorrer a ameaças explícitas, eles preferem táticas psicológicas, como o uso de humor depreciativo, charme ou a lógica para desarmar a vítima e conquistar sua simpatia. “Essas táticas fazem com que você se sinta confusa, o que a deixa ainda mais vulnerável e maleável” (Neal, 2018, p.31). Ao criar uma situação onde a vítima constantemente questiona seus próprios sentimentos e julgamentos, o abusador a enfraquece e mantém o controle psicológico sobre ela.

O controle exercido pelo abusador não começa com explosões de raiva ou violência física. Pelo contrário, ele é cuidadosamente construído ao longo do tempo. No início do relacionamento, os abusadores monitoram as reações da parceira a pequenas provocações, como piadas depreciativas ou comentários críticos, para avaliar até onde podem ir sem enfrentar resistência. “Ele monitora sua reação para ver se sai incólume. Se você se defender e o confrontar, provavelmente ele vai virar o jogo, alegando que você é ‘muito sensível’” (Neal, 2018, p.34). Essa abordagem gradual faz com que a vítima se acostume ao tratamento abusivo, tornando-o parte do cotidiano.

Uma característica central da psicodinâmica do homem abusador é a necessidade incessante de estar no controle. O controle, para o abusador, não se restringe às decisões do dia a dia, mas se estende a todos os aspectos da vida da parceira: suas emoções, suas escolhas e até seus pensamentos. “O abusador precisa se manter no poder; precisa estar no controle o tempo todo” (Neal, 2018, p.34). Quando sente que está perdendo essa posição, reage com raiva ou comportamentos defensivos, exacerbando ainda mais o ciclo de abuso.

A incapacidade do abusador de sentir empatia pela parceira ou de se colocar em seu lugar é uma das marcas de seu comportamento. Para ele, as necessidades da parceira são irrelevantes ou até inconvenientes. “Como o abusador tem um baixo nível de empatia, ele é incapaz de se colocar no lugar dos outros” (Neal, 2018, p.37). Esse déficit de empatia permite que ele continue com o comportamento abusivo sem sentir culpa ou remorso, distorcendo a moral e justificando suas ações com base em suas próprias necessidades.

O abusador frequentemente acredita que tem o direito de controlar sua parceira. Essa postura arrogante é uma compensação para sua insegurança subjacente. Ele racionaliza que manter a parceira sob controle é uma necessidade legítima para preservar sua própria sensação de poder. Como Neal afirma, “o abusador acredita que é direito dele dominar e controlar a parceira” (Neal, 2018, p.40). Essa crença justifica, aos olhos dele, as ações abusivas, como manipulação emocional e desvalorização da parceira, sem que ele

precise confrontar suas próprias falhas ou vulnerabilidades.

Outra forma de controle que o abusador emprega é a manipulação da informação. Ele controla o fluxo de informações que a parceira recebe e usa essa posição para mantê-la em desvantagem. Ao manter as informações vagas ou distorcidas, o abusador garante que a parceira não tenha o conhecimento necessário para confrontá-lo. “Ele monitora cuidadosamente o que permite que a parceira saiba e usa informações para ganhar poder e controle” (Neal, 2018, p.43).

No relacionamento abusivo, o controle muitas vezes se manifesta por meio de um ciclo de punição e recompensa. Quando a parceira tenta se afirmar ou estabelecer limites, o abusador a pune, seja por meio de palavras cruéis ou comportamentos passivo-agressivos. O abusador acredita que, ao punir a parceira, ele a está ‘treinando’ para a próxima vez (Neal, 2018). Esse ciclo contínuo faz com que a parceira evite confrontá-lo, temendo as consequências emocionais ou físicas de sua reação.

O abusador reage com extrema defensividade quando se sente ameaçado ou confrontado, muitas vezes resultando em explosões de raiva. Quando confrontado, o abusador reage de maneira defensiva e muitas vezes se sente ameaçado, o que leva a explosões de raiva (Neal, 2018). Esse comportamento cria um ambiente em que a parceira evita qualquer forma de conflito ou confronto, reforçando ainda mais o controle que ele exerce sobre ela.

O controle é o conceito central que rege a psicodinâmica do homem abusador. Seja por meio de manipulação emocional, monitoramento ou agressão velada, o abusador busca constantemente manter o poder sobre sua parceira. Ele não tolera qualquer forma de independência ou resistência, e suas táticas sutis de controle garantem que a vítima permaneça presa na dinâmica do abuso. A ausência de empatia e a distorção moral que caracterizam esses indivíduos tornam a mudança improvável, perpetuando um ciclo contínuo de controle, manipulação e punição.

4 | A PSICODINÂMICA DA MULHER VÍTIMA

A dinâmica da mulher vítima em um relacionamento abusivo é frequentemente caracterizada por uma posição de submissão. Essa postura é influenciada não apenas pelas experiências de vida da mulher, mas também pela forma como o agressor busca desvalorizá-la ao longo do relacionamento. Freud (1912/1996) argumenta que muitos homens se envolvem com mulheres que possam depreciar, criando uma dinâmica de controle que afeta profundamente a psique da vítima.

De acordo com a psicanálise, a construção da feminilidade, vai muito além das distinções anatômicas. Freud (1925/1996) aponta que existem características sexuais presentes tanto nos homens quanto nas mulheres, e a constituição da feminilidade é marcada por uma complexa formação psíquica que não se restringe aos aspectos fisiológicos. Freud

sugere que a bissexualidade inata nos sujeitos é um ponto de partida para a compreensão da masculinidade e da feminilidade, revelando que ambas são constituídas ao longo da vida, influenciadas por fatores sociais e culturais.

Portanto, a mulher desenvolve uma posição psíquica marcada pela passividade, o que influencia diretamente seu comportamento ao longo da vida, especialmente nas relações amorosas. Freud (1933/1996) observa que o comportamento feminino é frequentemente determinado pela supressão da agressividade, o que, ao ser internalizado, favorece o desenvolvimento de impulsos masoquistas. Esses impulsos, por sua vez, ligam-se ereticamente às tendências destrutivas e podem explicar, em parte, a permanência de mulheres em relações abusivas.

Essa dinâmica psíquica pode ser compreendida a partir do desenvolvimento infantil da menina, quando ocorre o reconhecimento das diferenças sexuais. Durante a fase fálica, a menina precisa deslocar seu desejo do objeto fálico associado ao clitóris para o órgão genital, e, ao mesmo tempo, transferir o amor dirigido à mãe para o pai. Esse processo marca a construção da feminilidade e influencia a formação da estrutura psíquica da mulher (Freud, 1925/1996, p.121). Freud sugere que a maneira como a mulher lida com a ausência do falo e o sentimento de “inveja do pênis” deixa marcas profundas em sua subjetividade, influenciando a forma como ela se posiciona nas relações afetivas.

Originada pelo complexo de castração, a sensação de inferioridade é um fator central na construção da feminilidade. Freud (1925/1996) argumenta que a descoberta da diferença anatômica entre os sexos gera nas meninas um sentimento de desvantagem, que pode levar à inibição sexual, ao desenvolvimento de neuroses ou à formação de uma feminilidade marcada por uma constante busca de preenchimento do ‘vazio’ deixado pela falta fálica (Freud, 1925/1996, p.124-125). Esse vazio psicológico, originado na infância, pode ser projetado nas relações amorosas, onde a mulher, buscando preencher a falta, coloca-se numa posição de dependência em relação ao parceiro, acreditando que ele pode satisfazer suas necessidades emocionais e afetivas.

Essa dinâmica interna pode explicar por que muitas mulheres permanecem em relacionamentos abusivos. Elas se colocam em uma posição de submissão e assujeitamento, projetando no outro a possibilidade de satisfação do seu desejo de completude. Na dinâmica do relacionamento abusivo, o agressor se aproveita dessa vulnerabilidade psicológica para exercer controle sobre a vítima. O homem, muitas vezes incapaz de integrar de maneira saudável as correntes afetivas e sexuais, desvaloriza a mulher e a coloca em uma posição inferiorizada. Esse processo de desvalorização está associado a componentes perversos nos objetivos sexuais masculinos (Freud, 1912/1996).

Assim a dinâmica da mulher vítima, não é apenas resultado de sua experiência no relacionamento abusivo, mas também de sua estrutura psíquica formada ao longo da vida. A passividade, a supressão da agressividade e a busca por preenchimento do vazio fálico são elementos que contribuem para a manutenção de uma posição de submissão

na relação. Freud (1933/1996) afirma que a mulher pode desenvolver poderosos impulsos masoquistas, que a levam a suportar o abuso como uma forma de satisfação erótica, conectando suas tendências destrutivas a um desejo de permanecer na relação.

Outro aspecto relevante é a influência do narcisismo na dinâmica da mulher vítima. Freud argumenta que a necessidade de se sentir amada é um dos pilares da subjetividade feminina. Muitas mulheres permanecem em relacionamentos abusivos não porque acreditam que o parceiro irá mudar, mas porque o desejo de serem amadas é mais forte do que a realidade da violência. Assim, mesmo em um contexto de abuso, elas podem interpretar os gestos mínimos de afeto do parceiro como sinais de esperança ou transformação, mantendo-se presas a uma fantasia de que o relacionamento pode melhorar com o tempo e com o seu esforço (Freud, 1933/1996).

A histeria, frequentemente associada à estrutura psíquica feminina, também desempenha um papel fundamental na dinâmica da mulher vítima. Freud (1917/1996) aponta que a histeria é caracterizada por uma dissociação entre ideia e afeto, levando a mulher a deslocar seus sentimentos e desejos reprimidos para o corpo, onde se manifestam como sintomas físicos. Na mulher histérica, essa dissociação pode ser vista na maneira como ela se submete ao outro em busca de reconhecimento e validação. A sugestionabilidade da mulher histérica, sua tendência a projetar no outro a capacidade de resolver seus conflitos internos, reforça sua permanência em uma posição de dependência emocional e psicológica (Freud, 1917/1996).

Esses fatores psíquicos e emocionais fazem com que a mulher vítima de abuso frequentemente se veja incapaz de romper com a relação, mesmo quando reconhece os danos que está sofrendo. A estrutura de submissão e passividade, moldada desde a infância e a busca por preenchimento de um vazio interno criam um ciclo de dependência que é difícil de quebrar. Muitas vezes, a mulher se sente culpada, acreditando que o fracasso da relação é resultado de suas próprias falhas, o que reforça sua permanência no relacionamento abusivo.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência e o abuso em relacionamentos são realidades complexas e dolorosas que afetam profundamente as mulheres que neles permanecem. Este estudo, ao utilizar a psicanálise como guia, procurou desvendar os mecanismos internos que sustentam essas relações e a razão pela qual tantas vítimas encontram dificuldades em romper com esses ciclos. Não se trata apenas de violência física, mas de uma forma de dominação que atinge as camadas mais íntimas da subjetividade, minando a confiança e dilacerando a autonomia.

Ao longo desta análise, ficou evidente que os comportamentos abusivos são enraizados em dinâmicas psíquicas que, muitas vezes, remontam a traumas e inseguranças do próprio abusador, conforme discutido por Freud (1920/1996) e Klein (1946-1963/1991).

A repetição compulsiva e a identificação projetiva são aspectos centrais, onde o abusador descarrega suas angústias e a vítima, gradualmente, absorve esses conteúdos, levando-a a uma posição de submissão e dependência. O ciclo de abuso, com sua alternância entre momentos de violência e reconciliação, gera uma confusão emocional que enfraquece a capacidade da vítima de enxergar uma saída, mantendo-a cativa de uma esperança ilusória de mudança.

A teoria do apego de Bowlby (2004) oferece uma chave para compreender por que tantas mulheres, marcadas por vínculos inseguros desde a infância, permanecem nesses relacionamentos. A busca incessante por afeto e validação, mesmo quando o ambiente é destrutivo, revela o quanto essas mulheres, muitas vezes, estão presas a padrões que repetem o que conhecem como ‘amor’. Romper com esse ciclo não é uma questão simples, envolve enfrentar medos profundos, dependências emocionais e uma distorção da própria identidade.

Portanto, é necessário que as intervenções considerem mais do que apenas a ruptura imediata. Elas devem focar na reconstrução da autoestima, no entendimento dos padrões psíquicos que mantêm essas mulheres presas e no fortalecimento de redes de apoio. A psicanálise, ao iluminar essas questões inconscientes, oferece um caminho para que as vítimas possam recuperar o controle de suas vidas e, com o tempo, redescobrir sua autonomia e dignidade.

Este trabalho espera contribuir para que essas mulheres não apenas rompam com o ciclo de violência, mas possam se reconstruir a partir de uma compreensão mais profunda de si mesmas, livres das amarras impostas pelos abusadores, e com a possibilidade de escreverem uma nova história.

REFERÊNCIAS

Bowlby, J. **Apego e perda:** apego. 1. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Bowlby, J. **A secure base:** parent-child attachment and healthy human development. New York: Basic Books, 1989.

Costa, D. S. **A histeria diante da emergência de uma nova economia psíquica:** uma leitura de Freud e Melman. Maceió. Editor Universidade Federal de Alagoas, 2013.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 4.ed. 2023.

Freud, A (1936/2006). **O ego e os mecanismos de defesa.** 1 ed. Porto Alegre: Artmed.

Freud, S. (1920/1996). **Além do princípio do prazer.** In: Obras completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1912/1996). **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor III)**. In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917/1969). **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1910/1996) **O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor)**. In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1923/1996). **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade**. In: O ego, o id e outros trabalhos (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1910/1996). **Complexo de castração e a inveja do pênis**. In: Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1933/1996). **Conferência XXXIII: feminilidade**. In: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (Vol. XXIII) Rio de Janeiro: Imago.

Gomes, N. P.; Carneiro, J. B.; Almeida, L. C. G.; Costa, D. S. G.; Campos, L. M.; Virgens, I. R.; Webler, N. Permanência de mulheres em relacionamentos violentos: desvelando o cotidiano conjugal. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 27, p. e78904. 2022.

Klein, M. (1921-1945). **Amor, culpa e reparação** [s.l.] Ubu Editora, 2023.

Klein, M. (1946-1963). **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Klein, M. (1935/1970). **Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos**. Obras Completas de Melanie Klein (vol. I). São Paulo: Mestre Jou.

Marques, T. M. **Violência conjugal**: um estudo sobre a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos. Instituto de Psicologia Minas Gerais, 2005.

Neal, A. **Relações destrutivas**: se ele é tão bom assim, por que eu me sinto tão mal? Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Gente, 2018.

Silva, M. M O. B da. **Os Perfis de Maria**: Relatos de mulheres que passaram por um relacionamento abusivo. Campo Grande-MS: SIBI/UFBA, 2018.